

A RELIGIÃO E SEU PAPEL PRIMORDIAL NA CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA DO HOMEM GENÉRICO: CRÍTICAS DE FEUERBACH E FREUD

RELIGION AND ITS PRIMORDIAL ROLE IN CONSTRUCTION OF GENERIC MAN'S CONSCIOUSNESS: FEUERBACH AND FREUD

*Kelvin Amorim de Melo*¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar o desenvolver histórico e a essência da religião na consciência do homem, tendo como fonte de embasamento as teorias de Ludwig Feuerbach e Sigmund Freud. Para a elaboração deste trabalho foi-se necessária a fundamentação teórico bibliográfica acerca da temática, utilizando-se como principal fonte para o referencial teórico as obras *A essência do cristianismo e Preleções sobre a essência da Religião* de Feuerbach e *O futuro de uma ilusão* de Freud. De acordo com Feuerbach, a religião nasceu a partir do medo e da dependência do homem através de sua relação objetiva com a natureza, sendo assim, internalizando-a e projetando-a de sua consciência em um ser transcendente à sua própria consciência. Essa consciência, que é em conceito, as suas máculas e virtudes potencializadas projetadas nesse ser supremo dá ao homem respostas para o que ele não pode compreender de forma imediata. Dessa forma, o sentimento religioso surgiu para o preenchimento da falta de conhecimento sobre a natureza e não compreensão e aceitação de sua realidade objetiva e subjetiva. Em Freud, a religião é compreendida como neurose obsessiva universal, onde o homem dá início a esse processo em sua fase de infância quando há um pai que é idealizado na fase de seu desenvolvimento psíquico, mas que também há essa relação dele com a natureza e sua hostilidade para com ela; a necessidade de proteção dos fatores naturais que o homem sempre esteve a mercê. A religião é a prisão que o homem impõe-se retirando sua autonomia, que é a única forma de o homem ser essencialmente ele mesmo; aceitando-se como é em sua finita realidade imanente, explorando suas potencialidades, competências e emancipação total de suas atitudes e tomada de responsabilidades por suas ações. A religião provoca o distanciamento, aprisionamento e negações da realidade subjetiva e objetiva, ou seja, do contato do homem com ele mesmo e dele com a natureza. A religião impede o homem de perceber-se como ser primordial na construção de sua subjetividade, existência e relações sociais.

Palavras-chaves: Religião. Homem. Liberdade. Dependência. Natureza.

Abstract: The present article has as objective to present the developing history and the essence of religion having as a source of expertise to the theories of Ludwig Feuerbach and Sigmund Freud. For the purpose of this work was necessary to the reasoning of the theoretical literature on the subject, using as a main source for the theoretical framework of the works *The essence of christianity and Lectures on the essence of Religion* by Feuerbach and *The future of an illusion* by Freud. According to Feuerbach, religion was born from fear, and the dependence of man through his objective relationship with nature, being thus embedded and projecting their consciousness into a being transcendent to his own conscience. This consciousness, which is in concept, their stains and virtues potentiated designed in this supreme being gives to the man answers to what he cannot understand. In this way, the religious sentiment has emerged to fill the lack of knowledge about the nature and not the understanding and acceptance of its reality, objective and subjective. In Freud, religion is understood as obsessive neurosis universal, where the man gives the start to this process in its stage of infancy when there is a father who is idealized in the stage of your psychic development, but that there also is this his relation with nature and their hostility to it; the need for protection of the natural factors that man has always

¹Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. E-mail: kelvinamorim@live.com

been at the mercy. Religion is the prison that man puts away his autonomy, which is the only way a man is essentially he same; accepting it as it is in its finite reality immanent, exploring their potential, skills and emancipation the total of their attitudes and take responsibility for their actions. Religion causes estrangement, imprisonment, and the denials of subjective and objective reality, that is, the contact of man with himself and with his nature. Religion prevents man from perceiving themselves as being paramount in the construction of his subjective existence and social relations true.

Keywords: Religion. Man. Freedom. Addiction. Nature.

1. Introdução

O presente artigo é fruto de revisão de literatura e tem como propósito expor as ideias de Ludwig Feuerbach (1804 - 1872) e Sigmund Freud (1856 - 1939) a partir da leitura reflexiva para que se possa compreender os autores com maior clareza observando os pontos de suas concepções sobre a religião e de como se deu o seu desenvolver na consciência humana.

Pretende-se com este artigo evidenciar quais foram as contribuições dos dois pensadores, no campo da filosofia e psicanálise, de como ocorreu o desenvolvimento do sentimento religioso nos indivíduos e no meio social em que ele vive e participa; analisar a relação dos homens em nível individual e coletivo no âmbito religioso e quais foram as causas provocadas no homem e seu ambiente cultural pela religião. Tanto Feuerbach quanto Freud caracteriza a religião como forma de aprisionamento das potencialidades humanas, mas que abordam diferentes tipos de percepção na construção de suas teorias acerca do surgimento do sentimento religioso. O fio condutor que coloca os autores lado a lado dentro de suas teorias é acerca dessa necessidade que o homem tem em conhecer sua origem, sentir-se protegido e amparado por uma entidade metafísica que está fora dele. Para a compreensão do meio social que vivemos é imprescindível conhecer o significado da religião na vida pública e privada dos indivíduos.

2. Feuerbach e sua compreensão do nascimento e desenvolver da religião

Em Feuerbach temos dois momentos de desenvolvimento literário teórico: o primeiro na obra *A Essência do Cristianismo (1841)* onde o autor coloca a religião como sendo um fator projetivo da consciência do homem em outro ser que se diferencia dele mas que ao mesmo tempo é o próprio homem. Na segunda obra, *Preleções sobre a*

Essência da Religião (1851), o filósofo faz a interrelação entre homem e Natureza (*physis*) onde o homem percebe-se vulnerável por encontrar-se em desvantagem em questões de força em relação à natureza e a partir disso diviniza-se. Neste trabalho, foi abordado os dois pontos do pensamento feuerbachiano para o desenvolver da compreensão clara e objetiva da ideia do autor.

O homem projeta sua consciência para fora de si potencializada num ser transcendente a ele numa forma de tentativa de superar os perigos, para aliviar seu medo da natureza, onde ele não possui nem um poder sobre ela e assim cria a divindade a partir de sua relação de dependência com a natureza numa tentativa de aliviar sua angústia sob os perigos que a natureza lhe oferece, mas que ele enquanto ser finito e potente e que faz parte dessa própria natureza não possui poder sobre ela. A partir da leitura de outros autores, podemos facilitar a compreensão da exposição de Feuerbach da relação do homem com sua consciência, natureza e deus. Encontra-se na *Ética de Espinosa* a interpretação de Deus como sendo causa imanente da realidade do homem e não causa transcendente. Deus é natureza e a natureza é Deus. Embora os autores tenham essa linha de pensamento parecida, Espinosa busca compreender Deus através da natureza, ou seja, o espírito da natureza é Deus não se retendo como questão fundamental, como é abordado em Feuerbach e Freud acerca da busca do homem por Deus e de como se deu esse desenvolver na consciência do homem. Segundo Chauí, no pensamento de Espinosa compreende-se que

Deus surge, assim na imagem de um super homem que cria e governa todos os seres de acordo com seus desígnios ocultos de Sua vontade, a qual opera segundo fins incompreensíveis para o nosso intelecto finito. Antropomorfizado, Deus é adorado como sumamente bom, justo, misericordioso, amoroso, colérico e vingativo. Em suma, como paixões humanas. Porque o imaginamos como ser incompreensível, também o supomos inteligível e cremos adivinhá-lo por meio das coisas da Natureza, imaginado como belo e harmonioso artefato divino, destinado a suprir todas as necessidades e carências humanas. (CHAUÍ, 1995 p. 45)

A partir dessa projeção numa tentativa inconsciente de dar poder sobrenatural ao que é da essência da própria natureza e de si próprio, o homem aliena-se dentro do que ele próprio criou conduzindo-se a escravidão de suas próprias ideias, ou seja, a criatura vira serva da sua própria criação. Pode-se imaginar Deus pela consciência infinita do homem onde se é possível pensá-lo a partir da natureza como um presente que foi dado

aos homens com o intuito de amor e benevolência. Pode-se compreender essa questão do homem entender deus a partir de suas obras através da compreensão da obra de um grande filósofo cristão, onde Agostinho (1998) nos dá ideia da relação da compreensão do homem através da natureza em sua visão teológica, mas que aqui não se trata de interpor com pontos de perspectivas teológica transcendental, mas sim a partir da percepção de que o homem é criador de todas as coisas, inclusive de sua própria realidade, esta mesma sendo objetiva e subjetiva ao mesmo tempo.

O homem projeta no divino, que ele mesmo criou, qualidades que ele tem mas que são finitas, limitadas pela natureza em que ele vive. Sendo assim, criasse uma forma de torná-la infinita para trazer uma espécie de consolação ou conforto existencial para os indivíduos e para o meio social.

Explicando a ideia de Deus, seguindo esse pressuposto de alienação, para Feuerbach o alienado tentando achar um sentido para sua existência, projeta para fora de si um ser supremo dotado de todas as qualidades ideais: inteligência, bondade, justiça, vontade livre, entre outras qualidades que julga idealmente serem as melhores. (SILVA, 2012, p. 83).

Percebe-se a diferença entre as concepções dos teóricos pelo fato de Feuerbach não se ater ao nascimento da religião como uma parte de um complexo do desenvolvimento infantil humano, mas sim como projeção da razão, consciência, do próprio homem, seja por fraqueza em formas de pedidos, ou abundância por agradecimento, então algo que passa a ser divinizado, ou seja, um Deus, pois

O Deus do homem não é nada mais que a essência divinizada do homem, portanto a história da religião, ou que dá na mesma, de Deus (porque quão diversas as religiões tão diversos os deuses, e as religiões tão diversas quanto aos homens) nada mais é do que a história do homem. (FEUERBACH, 1997, p. 23).

Para ter-se conhecimento do que é o homem, precisa-se compreender em primeiro lugar o seu desenvolvimento dentro da sociedade. A religião é o próprio homem e sua história contada a partir do conhecimento dele mesmo. Para conseguir descrever a história do desenvolver dos homens dentro do círculo social é de fundamental importância ter acesso a sua religião

3. Freud e a religião

Freud, com base nas suas descobertas analíticas e em sua obra intitulada *Totem e Tabu* (1913), elabora sua teoria para o surgimento da religião como sendo um *complexo* que se inicia na infância onde a lacuna do vazio existencial é preenchida, em que a figura paterna onde se subentende proteção, carinho, justiça e entre outras características é perdida quando se entra na fase adulta prosseguindo com o complexo. A partir desse complexo vem a tona a neurose obsessiva universal onde, segundo Freud, (...) “O Deus nada mais é que o pai glorificado” (Freud, 1913, p. 176).

Mas é fato que Freud resgata a teoria feuerbachiana sobre a projeção consciencial do próprio homem, mas usou-a como objeto em sua pesquisa partindo de outros pressupostos. Sua base eram os processos inconscientes do aparelho psíquico, que foram descritos e sistematizados pelo próprio Freud, que guiaram todo o sentimento de culpa e agradecimento que o homem tem ao se relacionar com o divino.

É verdade que Freud retomou a teoria da projeção psicológica de Feuerbach e analisou-a psicanaliticamente no que se refere aos seus pressupostos inconscientes. Assim ele pode aprofundar essa hipótese sob o aspecto da história e, mais tarde, da Psicologia da Religião. (HANS, 2010, p. 65)

Esta pesquisa tem embasamento histórico-filosófico feuerbachiano e psicanalítico clássico freudiano buscando perceber a compreensão de cada autor a respeito da temática e em que aspectos eles se aproximam na tentativa de elucidar o surgir e desenvolver do sentimento religioso no homem e as consequências que são geradas pelo mesmo. Como já foi dito, os autores partem de pressupostos diferentes na compreensão do nascimento do sentimento religioso no homem, mas compreende-se que em Feuerbach esse sentimento está mais ligado ao desenvolvimento da consciência de si mesmo do homem, enquanto que para Freud, ela se dá a partir de uma consciência já elaborada que é perpassada culturalmente entre os membros da sociedade.

4. Feuerbach e Freud: A religião e o preenchimento de lacunas da existência

O Filósofo alemão Ludwig Feuerbach, que é conhecido pelo seu antropológico humanismo, não nega deus enquanto entidade irreal, mas o certifica como *Ens*

*rationis*², pois para ele deus é o homem em sua essência, a sua projeção. Feuerbach afirma o homem como ser independente e provido de liberdade, que tem consciência de seus atos e se reconhece ao mesmo tempo em que reconhece o outro firmando sua existência consciencial na relação Eu, Tu, Nós.

O filósofo caracteriza o homem como um ser diferente dos outros animais por ser possuidor de religião, por criar o seu deus partindo de sua própria essência. A essência humana, dita em Feuerbach, é dividida em três categorias: Amar, Querer e Poder. O homem precisa de algum objeto para se reconhecer como homem e encontrar nas diferenças com outros objetos sua própria essência, pois é na diferença que ele se reconhece como ser.

Nas palavras de Feuerbach:

Um homem completo possui a força do pensamento, a força da vontade e a força do coração. A força do pensamento é a luz do conhecimento, a força da vontade é a energia do caráter, a força do coração é a energia do amor. Razão, amor e vontade são perfeições, são os mais altos poderes, são a essência absoluta do homem enquanto homem e a finalidade de sua existência. O homem existe para amar, conhecer e querer. Mas qual a finalidade da razão? A razão. Do amor? O amor. Da vontade? O livre arbítrio. (FEUERBACH, 1997, p. 45).

A partir dessa ideia de homem como ser livre, que possui vontade e tem consciência de sua consciência e de sua vontade, podendo escolher, entende-se que o homem externaliza características de sua consciência criando um deus que possui identidade ontológica com ele mesmo “porque o homem diviniza aqui apenas a si mesmo; no panteísmo, a natureza foi, ao invés, adorada, pois aqui o homem projeta na natureza sua própria essência” (Chagas, Redyson, Paula, 2009, p. 50), assim nascendo uma teologia antropológica da relação Homem-Natureza-Deus a partir de uma projeção. Feuerbach ainda afirma que sua meta não é negar deus e também não descobrir somente a essência da religião.

Aponta Feuerbach:

A minha única meta, não era somente encontrar, “descobrir essência”; observar com retidão não era meu único alvo. Não sou eu, é a religião que adora o homem, não obstante ela ou a teologia o negue. Não é

²Termo do latim utilizado pelo autor que tem como significado Entidade Racional, ou seja, aqui Feuerbach diz que a existência das divindades é mera criação do homem em busca de satisfação para o anseio de suas perguntas que não podem ser respondidas em dado momento e que utiliza de sua razão para saciar-se com respostas que ele mesmo cria inconscientemente (Feuerbach, 1997, p. 48, grifo nosso).

minha pequenez apenas, a própria religião diz: Deus é homem, o homem é Deus; não sou eu, é a própria religião que renega o Deus que não é homem, mas somente um *Ens Rationis* ao deixar que Deus se torne homem e que só então faz desse Deus antropomórfico, antropopático e intencional o objeto da sua reverência e adoração. (FEUERBACH, 1997, p. 29)

A própria religião diz ser o homem Deus e Deus ser o homem. Assim, Feuerbach completa que não é ele quem está buscando ou tentando encontrar evidências forçadamente que comprove o que ele diz pois a própria religião já o faz. Ele não quer fazer uma troca de papéis, ou seja, uma sublimação de sentimentos, retirando deus e colocando o homem como objeto de veneração ou adoração religiosa, pois

O ateísmo de Feuerbach não é um ateísmo vulgar que apenas visa negar a existência de Deus, não; muito mais do que isso. O filósofo desconstrói da ideia de Deus, pela primeira vez na filosofia um pensador tenta explicar a montagem da imagem de Deus, e todo esse esforço, visava no fundo valorizar o homem. Em sua visão de filosófica, o ateísmo é um instrumento da antropologia, nunca uma arma desumana de frustração. (SILVA, M. 2012, p-63)

A religião coloca o homem como sendo o centro de suas próprias criações divinas, mas nega-se enquanto reprodutor das ideias dessa divindade. Ao mesmo tempo em que o homem eleva-se como deus, ele cai na sua realidade que é finita, natural e vê-se como humano, mas posteriormente, volta-se para deus novamente que não é nada mais que ele mesmo. A projeção de sua consciência tornando a teologia uma espécie de antropologia humanista.

O inconsciente, que foi sistematizado em suas categorias por Freud, desencadeou o desenvolvimento da psicanálise em diversos temas, aprofundando os ensaios e estudos sobre o psiquismo humano e que teve grande contribuição para a compreensão de como se deu o desenvolver de suas teorias a respeito de como o homem se relaciona com a religião. Para Freud a religião se inicia como uma neurose individual para posteriormente se firmar como uma ilusão coletiva da humanidade ou como ele mesmo afirma como sendo uma neurose obsessiva universal.

5. Religião: Um mal necessário?

A religião seria a neurose obsessiva universal da humanidade e, tal como a da criança teria sua origem no complexo de Édipo, na relação com o pai. De acordo com essa concepção, seria possível prever que o

abandono da religião terá de se consumir com a mesma inexorabilidade fatal de um processo de crescimento, e que nos encontramos nessa fase de desenvolvimento precisamente agora. (FREUD, 2010, p. 109)

Ao contrário de Ludwig Feuerbach que traduz o nascimento da religião como sendo um fator da relação com o Eu, Tu e o Nós firmando a consciência infinita e a projeção dessa mesma consciência num ser divino, o pensador vienense Sigmund Freud, nos traduz sua pesquisa e a relaciona o nascimento do sentimento religioso a uma neurose individual que se desenvolve na criança a partir da relação com o genitor que é formado no decorrer do desenvolvimento psíquico infantil. A questão da religião como algo que foi um mal necessário para o desenvolvimento cultural do homem é tratada por Freud com a questão do controle dos instintos associativos dos homens. Para ele, a religião contribuiu também de certa forma para o desenvolvimento humano, mas que já está na hora de abandoná-la pois tendo o homem sua consciência formada, seria desnecessária a busca por uma entidade que controle seus instintos associativos.

Diante desses paralelos e analogias podemos atrever-nos a considerar a neurose obsessiva com o correlato patológico da formação de uma religião, descrevendo a neurose como uma religiosidade individual e a religião como uma neurose obsessiva universal. (FREUD, 1907).

O homem mantém a neurose obsessiva ativa e, quando relacionada a neurose individual infantil que não foi superada com as necessidades da fase adulta com a neurose adulta, percebe-se a busca do genitor protetor que é deixada para trás quando o complexo de Édipo é finalizado e a criança castrada, mas que dá continuidade na “adulterez” através da busca, da procura do Pai.

Em função disso, a busca por alguém que substitua a figura paterna é efetivada, mas percebendo-se sempre as qualidades que o próprio neurótico obsessivo possui, qualidades de um pai idealizado ou também criando demônios para projetar o que há de ruim em si ou no pai que o “abandonou” para preencher a lacuna do vazio que restou de suas frustrações infantis com as necessidades da vida de um adulto. Mas o pensador garante que “(...) o homem não pode permanecer criança para sempre; ele precisa finalmente sair para vida hostil (...)” (Freud, 2012, p. 120).

O homem precisa lançar-se a liberdade que é propriamente dele. Ele precisa irromper-se para a vida de hostilidade e debruçar-se sobre o conhecimento para libertar-se de qualquer dogmatismo que lhe é imposto. Podemos fazer alusão a ideia de Freud

sobre “sair para a vida hostil” com a obra *A república* de Platão no texto *A alegoria da caverna*. Nesse texto ocorre o diálogo entre Sócrates e Glauco que nos remete a essa ideia de homem preso nas obscuridades de suas certezas onde vê somente aquilo que quer enxergar. Esse homem não quer sentir a claridade da luz do conhecimento incidindo sobre seus olhos e prefere ficar na caverna em meio a escuridão sob a tutela de suas próprias ideias do real sob o realce das luzes de sua própria razão que não o leva a verdade ou a um possível questionamento dessa verdade.

Segundo Freud, a maioria das neuroses de infância é superada através do desenvolvimento infantil, e as que acompanham o sujeito até a sua fase adulta, devem ser eliminadas posteriormente com o tratamento psicanalítico. (FREUD, 2012, p. 109).

A religião, é claro, desempenhou grandes serviços para a civilização humana. Contribuiu muito para domar os instintos sociais. Mas não o suficiente. Dominou a sociedade humana por muitos milhares de anos e teve tempo para demonstrar o que pode alcançar. Se houvesse conseguido tornar feliz a maioria da humanidade, confortá-la, reconciliá-la com a vida, e transformá-la em veículo de civilização, ninguém sonharia em alterar as condições existentes. (FREUD, 1978, p.112).

Ao fazer tal afirmação, Freud coloca em xeque a religião e a crença em uma divindade pelas pessoas, declarando que a fé e essa confiança depositada em deus não é tão fiel e verdadeira tanto o quanto é despejada pelos crentes. Se realmente houvesse essa declarada crença fiel em um ser superior que pudesse mudar todas as situações mundanas reais e mazelas dos homens, não haveria pessoas tentando mudar com ações práticas a própria realidade e que partem do real (razão), para o real (mundo físico) e não do real (razão) para o irreal (deus), como é o caso da religião.

Para o pensador, a religião é apenas uma ilusão que causa um conforto no homem, mas não ilusão no sentido de mentira, e sim, de esperança, mas em seu íntimo da impossibilidade da ocorrência de tais acontecimentos que tanto almeja e acaba voltando para a realidade do mundo para poder satisfazer suas necessidades, desejos e vontades naturais.

Nas palavras de Freud:

Se a cultura estabeleceu o mandamento de não matar o próximo a quem se odeia, que estorva ou cujas posses se cobiça, é evidente que isso ocorreu no interesse da convivência humana, que, caso contrário, seria impossível. O assassino traria sobre si a vingança dos parentes

do morto e a inveja surda dos demais que percebem em si próprias inclinações para atos de violência. (FREUD, 2012, p. 103).

Freud não nega o fato de que a religião desempenhou grande papel à humanidade na sua fase de infância, ou seja, na fase inicial de desenvolvimento da cultura. A religião teve função de extrema importância para a humanidade, como por exemplo, o refreamento de atitudes antissociais que poderiam dizimar ou sequer iniciar a formação do que chamamos de civilização.

Essa moral baseada na religião fez com fossem censurados comportamentos que provavelmente teriam dizimado o início de uma culturalização do homem e não teria havido nem o início da estruturação social. Ele também exemplifica o que essas atitudes antissociais acarretariam aos demais, que levariam esses atos como exemplos opressivos e os levariam a praticar atos similares invocados pelas próprias inclinações para atos de violência.

Feuerbach acredita que o homem não é dependente da religião de forma natural, como ele é dependente a sua alimentação e outras formas de labor para a manutenção de sua vida. O homem é quem se sente dependente a ela quando cai em fracassos ou frustrasse com o mundo. A religião não é uma questão de sobrevivência e conservação da vida, é apenas uma maneira de se sentir melhor e encarar com ardileza os mistérios que o futuro reserva que são desconhecidos ao homem. O medo do desconhecido é o principal fator para o desenvolvimento de religião no homem. O que não se compreende é lançado para deus como precursor de todas as coisas existentes, mas que não podem ser compreendidas de maneira imediata.

Para Feuerbach a religião nunca trouxe benefícios ao homem, pelo contrário, apenas o desconhece como ser ontológico e com ser possuidor de essência única, sendo ele um ser de possibilidades e potencialidades, mas que são esmagadas pelo próprio homem na negação de sua essência, ou seja, o homem se nega em sua condição real finita para se aceitar como deus, um deus projetado para satisfazer-se.

Afirma Feuerbach:

O sentimento de dependência é o único nome e conceito universalmente certo para a designação e explicação do fundamento psicológico e subjetivo da religião. Na realidade, entretanto, não existe nenhum sentimento de dependência como tal mas sempre sentimentos determinados e especiais, como, por exemplo, (para tomar exemplos à religião natural) o sentimento da fome, do mal-estar, o medo da morte,

a tristeza em tempo escuro, a alegria no bom tempo, a dor em consequência do esforço inútil e de esperanças fracassadas diante de acontecimentos naturais desastrosos, casos em que o homem se sente dependente; mas a função baseada na natureza do pensar e do falar é exatamente derivar os fenômenos especiais da religião de tais nomes e conceitos gerais. (Feuerbach, 1989, p.35)

6. Conclusões

O homem para conseguir enfrentar a vida do lado de fora de sua redoma de proteção real, cria Deus através de projeções daquilo que ele mais almeja em si, mas que não as possuem. Em Feuerbach temos um sentido para o termo projeção e em Freud temos outro, mas em que ambos temos-se a base da criação da divindade. O termo projeção em Feuerbach diz-se da forma de um desenvolvimento da consciência do homem, da sua relação com a natureza.

Receando males e esperando bens, a imaginação busca uma entidade suprema que atenda aos nossos desejos, favoreçam-nos sempre, prejudique aqueles que odiamos ou tememos, e curve a Natureza as nossas paixões. Sobre essa base imaginativa e supersticiosa, a imaginação constrói o edifício teológico e metafísico. (CHAUI, 1995 p. 43)

O medo foi um dos maiores motivadores da criação de um deus como um método para explicar a ocorrência dos fenômenos naturais que não conseguiam serem explicados pelos próprios fenômenos naturais. Ao medo, mescla-se a projeção de sua consciência infinita, aquela que pode pensar em tudo, que pode fantasiar e que pode dar luz a novas imagens através do que já existe e que não pode ser explicado imediatamente através da razão.

Em Freud essa projeção é dada da mesma forma que em Feuerbach mudando apenas os objetos em quem o homem se projeta para posteriormente divinizar-se. Para Freud, a projeção ocorre para o pai na esperança de supressão das necessidades que o que projeta possui, mas que futuramente percebe que o seu projetor possui suas potencialidades finitas. Assim acontece a fantasia de um pai que tudo pode dar aos seus filhos, independente de seu pedido, de sua necessidade. e que, por isso, apresenta-se como forma de “patologia psíquica” (cf. FEUERBACH, 2012, p. 13)

Em suma, a questão da existência de um ser que seja externo ao homem, ou seja, que é transcendente a ele mesmo pode ser explicado através de investigações históricas do desenvolvimento da humanidade. A negação da existência de uma divindade não se

dá nos pensadores na forma de pensar um ateísmo em que há a necessidade de se negar algo, mas sim, de se compreender as motivações, inclinações e talvez determinações neurofisiológicas da forma de pensamento humano da crença em Deus.

7. Referências

- AGOSTINHO. *Solilóquios ; A vida feliz* / Santo Agostinho ; [revisão H. Dalbosco]. — São Paulo : Paulus, 1998 — (Patrística; 11) Solilóquios: título original: Soliloquia / tradução, introdução e notas Adaury Fiorotti. A vida feliz: título original: De beata vita / tradução Nair de Assis Oliveira; introdução, notas e bibliografia Roque Frangiotti.
- CHAGAS, E. F.; REDYSON, D.; PAULA, M. G. [ORGANIZADORES]. – Fortaleza: Edições UFC, 2009. *O Homem e a Natureza em Ludwig Feuerbach*.
- CHAUÍ, M. (1995). *Espinosa: uma filosofia da Liberdade*. São Paulo: Moderna, 1995. (Coleção Logos)
- FEUERBACH, L. (1841). *A Essência do Cristianismo*. Tradução de José da Silva Brandão. 2ª ed. Campinas: Papyrus Editora (1997).
- _____. *Para a crítica da filosofia de Hegel*. Trad. port. Adriana Veríssimo Serrão. São Paulo: LiberArs, 2012.
- _____. (1851). *Preleções sobre a essência da religião*. Tradução de José da Silva Brandão. 1ª edição. Campinas: Papyrus Editora (1989).
- FREUD, S (1978). *O Futuro de uma Ilusão* Coleção “Os Pensadores”- vol. Freud (1974).
- _____. Atos Obsessivos e Práticas religiosas (1907). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. (1927). *O Futuro de uma Ilusão*. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM POCKET VOL. 849, 2012.
- HANS, K. (1928). *Freud e a questão da religião*. Tradução de Carlos Almeida Pereira. 2ª Ed. Campinas, SP: Versus.
- SILVA, M. O. *Por uma autópsia do sagrado: O anúncio da morte de Deus como princípio hermenêutico de entendimento de uma possível teoria da religião em Nietzsche*. 224 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. 2012.